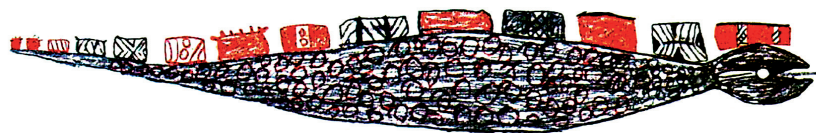




CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese

CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BETANCOURT
ORGANIZADORAS



CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese

CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BETANCOURT
Organizadoras

IPHAN | MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI | 2016

CRÉDITOS

Presidenta da República do Brasil

DILMA ROUSSEF

Ministro de Estado da Cultura

JUCA FERREIRA

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

JUREMA DE SOUZA MACHADO

Diretoria do Iphan

MARCOS JOSÉ SILVA RÉGO

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

TT CATALÃO

LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

Coordenação Editorial

SYLVIA MARIA BRAGA

Projeto Gráfico

RARUTI COMUNICAÇÃO E DESIGN/CRISTIANE DIAS

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação

CELSO PANSERA

Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi

NILSON GABAS JÚNIOR

Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação

ANA VILACY GALÚCIO

Coordenadora de Comunicação e Extensão

MARIA EMÍLIA DA CRUZ SALES

Coordenação Editorial

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Produção Editorial

IRANEIDE SILVA

ANGELA BOTELHO

Design Gráfico

ANDRÉA PINHEIRO

(CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA)

Editora Assistente

TEREZA LOBÃO

Fotos: Cristiana Barreto, Edithe Pereira, Glenn Shepard, Sivia Cunha Lima; Wagner Souza

Imagem da capa: Vaso da cultura Santarém, acervo Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Glenn Shepard.



Cobra-canoe (*kamalu hai*)

(desenho de Aruta Wauja, 1998; Coleção Aristóteles Barcelos Neto).

Kamalu Hai é a gigantesca cobra-canoe que apareceu para os Wauja, há muito tempo, oferecendo-lhes a visão primordial de todos os tipos de panelas cerâmicas, o que lhes conferiu o conhecimento exclusivo sobre a arte oleira. As panelas chegaram navegando e cantando sobre o dorso da grande cobra que antes de ir embora defecou enormes depósitos de argila ao longo do rio Batovi para que eles pudessem fazer sua própria cerâmica. Segundo o mito, esta é a razão pela qual apenas os Wauja sabem fazer todos os tipos de cerâmica (Barcelos Neto, 2000).

Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

668 p.: il.

ISBN 978-85-61377-83-0

1. Cerâmica – Brasil - Amazônia. 2. Cerâmicas Arqueológicas. I. Barreto, Cristiana. II. Lima, Helena Pinto. III. Betancourt, Carla Jaimes.

CDD 738.098115

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO IPHAN - Andrey Rosenthal Schlee	8
APRESENTAÇÃO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI - Nilson Gabas Jr.	9
PREFÁCIO - Michael Joseph Heckenberger	10
INTRODUÇÃO - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	12
INTRODUCCIÓN - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	14
PARTE I - A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: INTRODUÇÃO A UMA LONGA VIAGEM	17
NOVOS OLHARES SOBRE AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Helena Pinto Lima, Cristiana Barreto, Carla Jaimes Betancourt	19
NÃO EXISTE NEOLÍTICO AO SUL DO EQUADOR: AS PRIMEIRAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS E SUA FALTA DE RELAÇÃO COM A AGRICULTURA Eduardo Góes Neves	32
TIPOS CERÂMICOS OU MODOS DE VIDA? ETNOARQUEOLOGIA E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS CERÂMICAS NA AMAZÔNIA Fabíola Andréa Silva	40
QUADRO CRONOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	50
MAPA ARQUEOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	51
PARTE II - SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA	53
II.1. NORDESTE AMAZÔNICO	54
LA CERÁMICA DE LAS GUYANAS Stéphen Rostain	55
LA TRADICIÓN ARAUQUINOÍDE EN LA GUYANA FRANCESA: LOS COMPLEJOS BARBAKOEBA Y THÉMIRE Claude Coutet	71
OS COMPLEXOS CERÂMICOS DO AMAPÁ: PROPOSTA DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO João Darcy de Moura Saldanha, Mariana Petry Cabral, Alan da Silva Nazaré Jelly Souza Lima, Michel Bueno Flores da Silva	86
“C’EST CURIEUX CHEZ LES AMAZONIENS CE BESOIN DE FAIRE DES VASES”: ALFARERAS PALIKUR DE GUYANA Stéphen Rostain	97
O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA? Cristiana Barreto	115
A CERÂMICA MINA NO ESTADO DO PARÁ: OLEIRAS DAS ÁGUAS SALOBRAS DA AMAZÔNIA Elisângela Regina de Oliveira, Maura Imazio da Silveira	125
A CERÂMICA MINA NO MARANHÃO Arkley Marques Bandeira	147
O COMPLEXO CERÂMICO DAS ESTEARIAS DO MARANHÃO Alexandre Guida Navarro	158

II.2. BAIXO AMAZONAS E XINGU	170
ARQUEOLOGIA DOS TUPI-GUARANI NO BAIXO AMAZONAS Fernando Ozório de Almeida	171
CERÂMICAS E HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MÉDIO-BAIXO XINGU Lorena Garcia	183
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA VOLTA GRANDE DO XINGU Letícia Morgana Müller, Renato Kipnis, Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos, Solange Bezerra Caldarelli	196
CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA FOZ DO XINGU: UMA PRIMEIRA CARACTERIZAÇÃO Helena Pinto Lima, Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes	210
CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA DO ALTO XINGU Joshua R. Toney	224
CERÂMICAS DA CULTURA SANTARÉM, BAIXO TAPAJÓS Joanna Troufflard	237
CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR Márcio Amaral	253
AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS Cristiana Barreto, Hannah F. Nascimento	262
CERÂMICAS POCÓ E KONDURI NO BAIXO AMAZONAS Lílian Panachuck	279
II.3. AMAZÔNIA CENTRAL	288
AS CERÂMICAS SARACÁ E A CRONOLOGIA REGIONAL DO RIO URUBU Helena Pinto Lima, Luiza Silva de Araújo, Bruno Marcos Moraes	289
AS CERÂMICAS AÇUTUBA E MANACAPURU DA AMAZONIA CENTRAL Helena Pinto Lima	303
CONTEXTO E RELAÇÕES CRONOESTILÍSTICAS DAS CERÂMICAS CAIAMBÉ NO LAGO AMANÃ, MÉDIO SOLIMÕES Jaqueline Gomes, Eduardo Góes Neves	321
UMA MANEIRA ALTERNATIVA DE INTERPRETAR OS ANTIPLÁSTICOS E A DECORAÇÃO NAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS Claide de Paula Moraes, Adília dos Prazeres da Rocha Nogueira	334
A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA Jaqueline Belletti	348
A FASE GUARITA NOS CONTEXTOS DO BAIXO RIO SOLIMÕES Eduardo Kazuo Tamanaha	365
A SERPENTE DE VÁRIAS FACES: ESTILO E ICONOGRAFIA DA CERÂMICA GUARITA Erêndira Oliveira	373

II.4. SUDOESTE DA AMAZÔNIA	484
VARIABILIDADE CERÂMICA E DIVERSIDADE CULTURAL NO ALTO RIO MADEIRA Silvana Zuse	385
A CERÂMICA POLÍCROMA DO RIO MADEIRA Fernando Ozório de Almeida, Claide de Paula Moraes	402
CERÂMICAS DO ACRE Sanna Saunaluoma	414
A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA Carlos A. Zimpel, Francisco A. Pugliese Jr.	420
DOS FASES CERÂMICAS DE LA CRONOLOGÍA OCUPACIONAL DE LAS ZANJAS DE LA PROVINCIA ITÉNEZ – BENI, BOLIVIA Carla Jaimes Betancourt	435
CONTINUIDADES Y RUPTURAS ESTILÍSTICAS EN LA CERÂMICA CASARABE DE LOS LLANOS DE MOJOS Carla Jaimes Betancourt	448
II.5. ALTA AMAZÔNIA	462
TRAS EL CAMINO DE LA BOA ARCOÍRIS: LAS ALFARERÍAS PRECOLOMBINAS DEL BAJO RÍO NAPO Manuel Arroyo-Kalin, Santiago Rivas Panduro	463
LA CERÂMICA DE LA CUENCA DEL PASTAZA, ECUADOR Geoffroy de Saulieu, Stéphen Rostain, Carla Jaimes Betancourt	480
CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DE JAEN Y BAGUA, ALTA AMAZONIA DE PERU Quirino Olivera Núñez	496
COMPLEJO CERÂMICO: MAYO CHINCHIPE Francisco Valdez	510
LA CERÂMICA DEL VALLE DEL UPANO, ECUADOR Stéphen Rostain	526
PARTE III - PARA SEGUIR VIAGEM:	
REFERÊNCIAS PARA A ANÁLISE DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA	541
A CONSERVAÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Sílvia Cunha Lima	543
GLOSSÁRIO	551
Processos tecnológicos	553
Denominações formais e funcionais das cerâmicas	568
Contextos arqueológicos das ocupações ceramistas	581
Conceitos e categorias classificatórias	589
REFERÊNCIAS	603
ÍNDICE ONOMÁSTICO	654
AGRADECIMENTOS	659
SOBRE OS AUTORES E SUAS PESQUISAS	661



AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS

Cristiana Barreto
Hannah Fernandes Nascimento

RESUMEN

Las cerámicas de los sitios al aire libre de Monte Alegre: aportes para la arqueología del Bajo Amazonas.

Este artículo presenta los primeros resultados del análisis cerámico de materiales procedentes de sitios al aire libre en la región de Monte Alegre. Monte Alegre durante mucho tiempo ha sido conocida por los sitios de arte rupestre abundantes e impresionantes, así como por los registros de ocupación humana muy temprana en la cueva Pedra Pintada excavada por Roosevelt hace 20 años. Un nuevo proyecto de investigación en la zona, con un enfoque regional más amplio, empieza a investigar la diversidad de registros arqueológicos, incluidos los sitios de cerámica al aire libre de un período más reciente, comenzando alrededor del siglo XII dC. Los datos muestran que a pesar de la proximidad con Santarém y alguna influencia de sus estilos cerámicos, los materiales de Monte Alegre exhiben un patrón particularmente local, permeado por elementos no solamente del estilo Santarém (y Konduri), sino también por elementos de lo que parece ser un complejo estilístico intercultural en el bajo Amazonas, que está siendo identificado con materiales Koriabo. En base a estos datos, el artículo analiza las relaciones entre la duración de las ocupaciones de cerámica en la zona y los desarrollos sociales posteriores, así como la dinámica de los flujos estilísticos sugerida por estos materiales más recientes en contextos más amplios de la región del Bajo Amazonas.

ABSTRACT

Ceramics from open air sites in Monte Alegre: contributions for the archaeology of lower Amazon.

This paper presents the initial results of ceramic analysis with materials from open air sites in the Monte Alegre region. Monte Alegre has long been known for the abundant and impressive rock art sites, as well as for the records of very early human occupation at the cave Pedra Pintada dug by Roosevelt 20 years ago. A new research project in the area, with a wider, regional approach, is now investigating the diversity of archaeological records in the area, including open air ceramic sites pertaining to the a more recent occupational period, starting around the XII century AD. The data shows that despite the proximity of Santarém, and some influence from its ceramic styles, Monte Alegre ceramics exhibit a local, particular pattern, being permeated by elements from not only Santarém (and Konduri) styles, but also by what seem to be a cross-cultural stylistic complex in the Lower Amazon, now being identified with Koriabo materials. Based on these data, the paper discusses the relation between the longevity of ceramic occupations in the area and later social developments, as well as the dynamics of stylistic flows suggested by these more recent materials in the wider context of the Lower Amazon region.

Introdução

Apresentamos aqui os primeiros resultados das análises de cerâmicas provenientes de sítios a céu aberto pesquisados no âmbito do projeto “A Ocupação Pré-Colonial de Monte Alegre (Pará)”¹. O projeto visa entender a ocupação humana na região de Monte Alegre, em uma região da Amazônia que se destaca tanto pela antiguidade e longa duração registradas para a ocupação humana, como pela diversidade de vestígios e contextos arqueológicos, com sítios em abrigos e a céu aberto, indústrias líticas e cerâmicas variadas, além da arte rupestre.

Monte Alegre, município paraense localizado no Baixo Amazonas, a leste de Santarém, é certamente a região amazônica que mais despertou a atenção de viajantes, naturalistas e pesquisadores desde o século XIX, atraídos, sobretudo, pelo impressionante conjunto de serras areníticas com pinturas rupestres, que vêm sendo documentadas e estudadas por Edithe Pereira desde a década de 1980 (Pereira, 1992, 1996, 2003, 2010). Também na década seguinte, a arqueologia de Monte Alegre ficou conhecida pelas escavações coordenadas por Anna Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, gerando dados importantes sobre a antiguidade tanto de ocupações pré-ceramistas como de ceramistas, com uma sequência local de 11 mil anos (Roosevelt et al., 1996).

Contudo, em decorrência das datas antigas obtidas nas escavações de Roosevelt, pouca atenção foi dada às ocupações ceramistas mais recentes, mesmo tendo sido identificados muitos sítios cerâmicos nesta região, tanto junto às serras com abrigos e cavernas, a exemplo da própria Caverna da Pedra Pintada, como em áreas de floresta e cerrado, em solos de terra preta, e em campinaranas ao longo da várzea. Além disso, a sequência documentada na Caverna da Pedra Pintada oferece dados apenas pontuais daquele local específico, ficando difícil inseri-la em um contexto regional mais amplo de complexos cerâmicos para o Baixo Amazonas. Este novo projeto visa justamente entender a ocupação da região como um todo, e as dinâmicas dos diferentes sistemas de assentamentos ao longo do tempo.

A área pesquisada corresponde à área do Parque Estadual de Monte Alegre, e seu entorno imediato (Figura 1), abarcando um verdadeiro mosaico de ambientes diversificados, desde as serras areníticas, com suas variadas formações, entre as quais abrigos e cavernas com pinturas rupestres; e áreas planas com vegetações variadas, com ilhas de florestas em ambientes de savana, até as campinaranas e várzeas anualmente inundadas ao longo de pequenos e grandes lagos e do próprio rio Amazonas.

Vestígios cerâmicos ocorrem em quase todos os sítios arqueológicos identificados na área, por vezes representando ocupações de locais anteriormente habitados, estando presentes na área por milhares de anos até a colonização europeia. Para entendermos a dinâmica temporal e cultural dessas ocupações ceramistas é preciso não só entender as condições locais sobre as quais elas se dão, mas também os contextos cronoculturais regionais em que se inserem. Assim, além de apresentarmos os dados da análise cerâmica, levantamos também uma discussão sobre como inserir Monte Alegre no contexto regional dos complexos cerâmicos do Baixo Amazonas.

1. Este projeto é coordenado por Edithe Pereira junto ao Museu Paraense Emílio Goeldi e conta com a participação das autoras e dos pesquisadores Marcos Magalhães e Carlos Augusto Palheta Barbosa (MPEG), Maria Jacqueline Rodet, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Claide Moraes, Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Shock, da Universidade do Oeste do Pará (UFOPA). O projeto é financiado pelo CNPq.

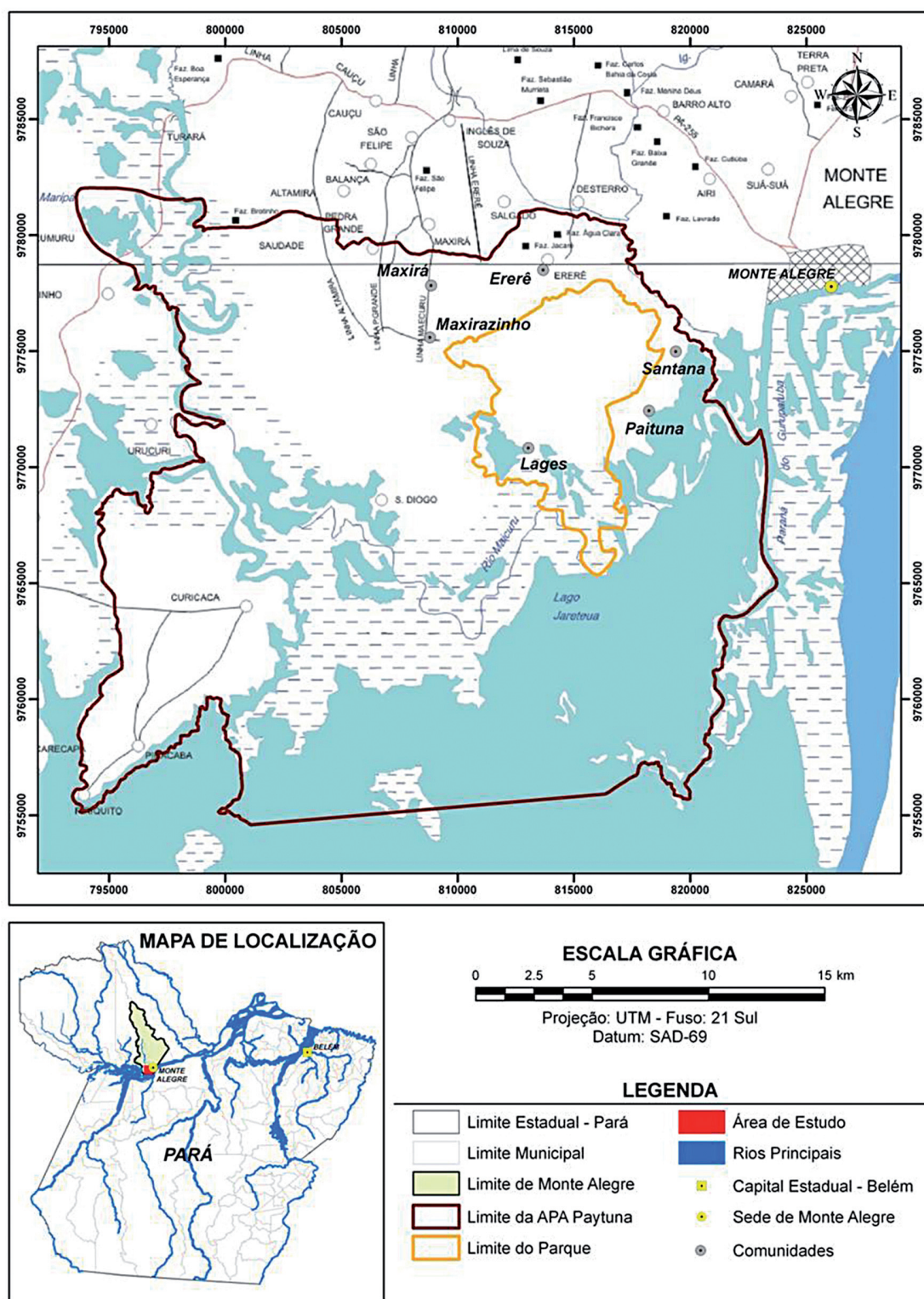


Figura 1. Localização da área de pesquisa. A área delimitada em amarelo corresponde ao Parque Estadual de Monte Alegre. Fonte: Secretaria de Meio Ambiente (PA), 2008.

Antiguidade e complexidade da sequência cerâmica em Monte Alegre

Na Caverna da Pedra Pintada, Roosevelt e colaboradores (Roosevelt et al., 1996) propuseram uma sequência de ocupação pré-colonial para Monte Alegre, de acordo com o esquema cronológico que Roosevelt propôs para toda a região amazônica, com os horizontes denominados de Paleoíndio, Arcaico, Formativo e Cacicados. Após o período Monte Alegre, que corresponde ao horizonte paleoíndio local (entre 10.200 e 9.800 AP), Roosevelt elenca os seguintes períodos de ocupações ceramistas:

- *Paituna* (7.580 e 6.625 AP), pertencente ao Arcaico, quando se dá a transição para a agricultura e para uma tecnologia cerâmica;
- *Aroxi* (3.603, 3.410 e 3.230 AP), inserida no período Formativo, quando a agricultura se instala definitivamente na região;
- *Pariçó* (675 e 430 AP), pertencente ao horizonte Cacicados, que marca o componente tardio da Caverna da Pedra Pintada, relacionado às mudanças que ocorreram substancialmente na cultura material, na economia, na demografia e na organização social e política das populações indígenas do Baixo Amazonas.

Devemos notar que, apesar da plausibilidade desta sequência, ela se embasa em uma interpretação histórico-cultural para toda a bacia amazônica, com um único sentido evolutivo, que se inicia com o paleoíndio e termina com os cacicados pré-conquista. Contudo, muitos projetos regionais na bacia amazônica vêm evidenciando que nem sempre a história da ocupação humana pré-colonial foi uniforme e unilinear, mas sim caracterizada pela alternância entre períodos de aparente estabilidade, entremeados por mudanças bruscas nos padrões de organização social, econômica e política de certas regiões. Além disso, existem hiatos cronológicos e processos regionalizados, como o fato de que, a partir de cerca de 7.500 BP, os sinais visíveis de ocupação ficam restritos a algumas regiões específicas, como a área estuarina e o Baixo Amazonas, onde se insere Monte Alegre (Neves, 2008).

Em relação às ocupações ceramistas, buscamos explorar duas questões. A primeira é a suposta relação entre a antiguidade da introdução da cerâmica na área (por volta de 7.500 anos AP, conforme proposto por Roosevelt²) e a complexidade dos conjuntos cerâmicos do final da sequência que desembocaria em cacicados complexos.

Por repetidas vezes, Roosevelt argumentou que, no Baixo Amazonas, o surgimento de cacicados ou de sociedades mais complexas, como em Santarém e Marajó, seria resultante do fato de que nessas regiões tem-se uma sequência ocupacional muito longa, introduzindo a ideia de quanto maior a profundidade temporal das ocupações locais, maior a probabilidade de uma trajetória levando à formação de cacicados complexos:

Está claro que os 'cacicados' na Amazônia provieram diretamente de culturas cerâmicas anteriores da Amazônia ocidental, bem distante dos Andes. A mais antiga delas foi encontrada no Baixo

2. Lembramos, no entanto, que a antiguidade da cerâmica na Caverna da Pedra Pintada é documentada de forma ainda bastante ambígua. Roosevelt menciona seis datas entre 7.580 e 6.625 anos AP para o que ela denominou de cultura Paituna, correspondente ao Arcaico local. As datas são provenientes de ossos de quelônios, conchas e de um fragmento de concha usado como tempero na pasta de uma cerâmica. A única cerâmica deste estrato, datada diretamente por TL resultou em uma data bem mais recente de 4.710 anos AP. Assim, consideramos que ainda são necessárias não só mais datações, mas também uma melhor caracterização desta cerâmica antiga do ponto de vista tecnológico e estilístico.

Amazonas e sua influência difundiu-se, a partir daí, em direção às várzeas pré-andinas e não o contrário. Muitas das sociedades complexas das terras baixas parecem ter sido culturas de longa duração que, ao invés de terem decaído no ambiente tropical, antes cresceram em escala e sofisticação ao longo do tempo e muitos dos seus sítios caracterizam-se como urbanos em tamanho e complexidade (Roosevelt, 1992: 54-55).

Assim, a questão que se coloca é qual a relação desta antiguidade com os desenvolvimentos posteriores à instalação desses ceramistas na região. Estaria esta relação na base da recorrente sobreposição encontrada em várias regiões da Amazônia de complexos cerâmicos diversificados recentes sobre ocupações cerâmicas formativas antigas (Pocó-Açutuba), como, por exemplo, na Amazônia Central, na região de Tefé e na região do Trombetas, conforme documentado por Neves et al., (2014)?

Por outro lado, considerando a proposta de Roosevelt, não deveríamos ter indícios da presença de um cacicado complexo também em Monte Alegre, vista a antiguidade e longa duração da ocupação local? Ou teríamos desenvolvimentos em ritmos distintos em regiões nucleares e periféricas aos grandes cacicados, em Santarém e em Monte Alegre, por exemplo? Estaria Monte Alegre sob a influência do cacicado de Santarém e, neste caso, porque ele teria se desenvolvido em Santarém e não em Monte Alegre, com uma sequência ocupacional mais antiga, de acordo com o que sabemos até o momento?

A segunda questão trabalhada no estudo das cerâmicas de Monte Alegre é a de uma caracterização estilística voltada para a sua relação com os contextos regionais vizinhos. Até que ponto semelhanças e diferenças estilísticas, quando inseridas no contexto mais amplo do Baixo Amazonas, podem revelar diferentes configurações na interação regional desses povos ceramistas? Mais especificamente, o que nos dizem os estilos sobre como essas sociedades se desenvolveram, se relacionados à participação e controle de determinadas sociedades em fluxos regionais, redes de troca, alianças de guerra, enfim, em processos de interação regional de diferentes alcances territoriais?

Monte Alegre no contexto regional dos complexos cerâmicos do Baixo Amazonas

Monte Alegre situa-se no que poderíamos chamar de “periferia” de Santarém. Embora esteja na margem oposta do Amazonas, a aproximadamente 200 quilômetros a nordeste, o Lago Grande de Monte Alegre integra uma extensa região de lagos ao longo da calha do Amazonas, próximo à foz do Tapajós, onde se encontra o sítio Aldeia, em Santarém. Sabemos também que desde a colonização até os dias atuais, há uma estreita relação econômica e administrativa de Monte Alegre com Santarém. Para além da relação com Santarém e a foz do Tapajós, pode-se dizer também que Monte Alegre pertence a um universo ambiental típico dos vales da calha Norte do Baixo Amazonas que têm suas nascentes no Planalto das Guianas e correm para o sul em direção ao Amazonas, relativamente encaixados em serras areníticas, e ao chegar na planície, espalham-se formando grandes lagos paralelos à várzea do Amazonas. Este é o caso dos rios Nhamundá, Mapuera, Trombetas, Paru do Oeste, Curuá e do Maicuru, sendo este último o que forma o Lago Grande de Monte Alegre.

Independentemente das serras onde existem muitos sítios em abrigos e cavernas, a região de Monte Alegre apresenta também muitos sítios cerâmicos a céu aberto, tanto no longo do rio Maicuru, como nas áreas serranas e de várzea.

Em 2012, prospecções realizadas tanto no âmbito deste projeto como também no de um inventário de sítios e coleções realizado em todo o município de Monte Alegre (Pereira et al., 2013), localizaram 34 sítios cerâmicos (dentre um total de 55 sítios, localizados na Figura 3). Além das cerâmicas documentadas nestes sítios, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) também guarda algum material de proveniência de Monte Alegre, de diversas coleções formadas e doadas por viajantes, moradores e pesquisadores (entre estes Frederico Barata e Peter Hilbert). Nimuendaju esteve em Monte Alegre em 1924 e também coletou cerâmicas à superfície de sítios a céu aberto, documentadas em algumas das pranchas de publicação póstuma (Nimuendaju, 2004: 295-300). Visto que muitos dos sítios arqueológicos encontram-se hoje bastante impactados pelas atividades agropecuárias da região, restando poucos fragmentos diagnósticos à superfície, estes registros de épocas mais antigas são importantes para a documentação, justamente das ocupações ceramistas mais recentes, cujos vestígios em geral são os primeiros a serem destruídos.

Uma análise preliminar das cerâmicas dessas coleções mais antigas de Monte Alegre denotam claramente elementos típicos das cerâmicas Inciso-Ponteadas. A presença de cariátides, estatuetas, vasilhames com bases anelares e em pedestal, gargalos, decorações incisas e ponteadas, apliques em filetes e botões, apêndices com caretas, bordas vazadas, bordas com alça, além de algumas das formas de vasilhames, remetem claramente aos estilos dos complexos cerâmicos Santarém e Konduri.

Contudo, apesar das semelhanças estilísticas, estas cerâmicas apresentam pastas mais heterogêneas, uma grande variedade na densidade do caixi e um grau de acabamento bem mais grosseiro que a típica cerâmica tapajônica encontrada na área de Santarém, o que parece ser típico também das cerâmicas Konduri, de acordo com Hilbert (1955) e Guapindaia (2008:49). Além disso, existem outros elementos que parecem destoar dos repertórios conhecidos para ambos os estilos. Mesmo dentre os elementos Santarém ou Konduri conhecidos, apenas alguns parecem ter sido escolhidos para repetição em grande profusão, como as bordas com pequenas incisões ou entalhes paralelos, os ponteados em linha simples ao longo dos lábios e ombros e as flanges labiais formando bicos triangulares. Estes elementos são compatíveis com as variações observadas por Guapindaia (2008) e Gomes (2002), por vezes denominando estas variações como “Estilo de influência Konduri”, ou diferentes modos, tal qual o “Konduri ponteados em profusão” e outros (Figura 2).

Dentre as características que destoam dos estilos Santarém e Konduri, e que aparecem tanto nas coleções do Museu Goeldi como nas pranchas do material coletado por Nimuendaju (2004: 295-300), estão as flanges labiais extensas e planas, às vezes com abaulamentos circulares e com lábios recortados formando vários lóbulos, dando ao vaso um aspecto floriforme, semelhantes às bordas de vasos abertos descritos para a fase Koriabo, tanto nas Guianas como nas áreas mais montanhosas do Amapá (Rostain, 1994; Boomert, 2004; Cabral, 2011; Saldanha et al., neste volume). De acordo com Saldanha, um dos elementos mais característicos da cerâmica Koriabo são as tigelas contendo uma grande de flange labial, muitas com lábio “polilobado” ou “floriforme”.

Outros elementos que aparecem nestas coleções de superfície provenientes de Monte Alegre, como bordas ocas, tigelas com engobo ou banho na parte interna, apliques em filetes e botões (ou pastilhas) incisos e ponteados, estão presentes tanto nas cerâmicas Konduri como nas cerâmicas Koriabo, apesar das formas dos vasilhames serem distintas. Assim, em Monte Alegre parece haver uma confluência de alguns elementos

Santarém e Konduri, com outros Koriabo, restando-nos entender a natureza do fluxo estilístico nestes horizontes mais recentes ao longo do Baixo Amazonas e a posição de Monte Alegre nesta dinâmica.

Considerando a possibilidade da região de Monte Alegre estar integrada ao universo cultural mais amplo, da calha norte do baixo Rio Amazonas, incluindo as Guianas e Amapá, e que o rio Maicuru, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre, poderia ter sido uma via de fluxo estilístico em um eixo Norte-Sul, entre as áreas montanhosas das Guianas e Amapá e a região lagunar do Baixo Amazonas, voltamos a nossa atenção para uma melhor caracterização da distribuição temporal e espacial das cerâmicas Koriabo das Guianas e Amapá, disponível na bibliografia.

De acordo com Saldanha et al. (neste volume), a fase Koriabo, inicialmente identificada por Evans e Meggers (1960), foi datada relativamente entre 800 e 400 AP. Apesar de várias datas discordantes, hoje parece haver um consenso que as cerâmicas Koriabo se situam em uma faixa temporal entre 1200 à 400 AP (Boomert, 2004), indicando contemporaneidade com os estilos cerâmicos do Baixo Amazonas, tanto Santarém, com datas iniciando por volta de 800 AD (Gomes, 2002), como Konduri, estimado entre 1000 e 1500 AD (Hilbert, 1955; Guapindaia, 2008). As cerâmicas Koriabo foram inicialmente classificadas por Evans e Meggers como uma fase da Tradição Polícroma da Amazônia, mas hoje apresenta repertórios técnico-estilísticos mais bem conhecidos e documentados, com muitos elementos em comum com a cerâmica Konduri e com os estilos da Tradição Inciso-Pontado em geral, sobretudo no que diz respeito às decorações plásticas, com a presença de apliques antropomorfos e zoomorfos, aplicação



Figura 2. Peças provenientes de Monte Alegre em antigas coleções do Museu Paraense Emílio Goeldi. Acima, à esquerda, vaso de estilo Santarém com acabamento grosseiro; abaixo borda recortada, figura antropomorfa e decoração com apliques que remetem a outros estilos, notadamente Koriabo. Fotos: Cristiana Barreto e Edithe Pereira.

de filetes, botões e incisões sobre apliques. Contudo, sua enorme área de dispersão e os contextos específicos em que é encontrada colocam ainda muitas questões sobre a correspondência dessas cerâmicas a uma fase ou cultura específica, ou se seria apenas um gênero de cerâmica cerimonial, possivelmente compartilhado por muitas culturas que ocuparam a calha norte do Baixo Amazonas por um longo período de tempo (Cabral, 2011).

Ao analisar as amostras cerâmicas provenientes das escavações, consideramos a possibilidade de estarmos lidando com conjuntos cerâmicos que incluem este gênero de cerâmica cerimonial em uma matriz talvez mais semelhante às cerâmicas dos complexos Santarém e Konduri – ou outra diferenciada, de caráter mais local.

Dentre os 55 sítios arqueológicos conhecidos na área de pesquisa e seu entorno, 34 apresentaram material cerâmico na sua superfície. 29 são sítios a céu aberto, enquanto outros seis são sítios que estão em abrigos e cavernas das formações areníticas da região, muitos deles apresentando também registros rupestres e materiais líticos lascados e polidos (Figura 3).

Dentre os 34 sítios cerâmicos identificados, foram escavados três sítios a céu aberto: Santana (PA-MT-26), Coroatá (PA-MT-59) e Caminho da Pedra Pintada (PA-MT-60), localizados no mapa da Figura 3. Aqui vamos descrever com mais detalhe as cerâmicas dos dois primeiros sítios, sendo os que resultaram em amostras mais significativas.

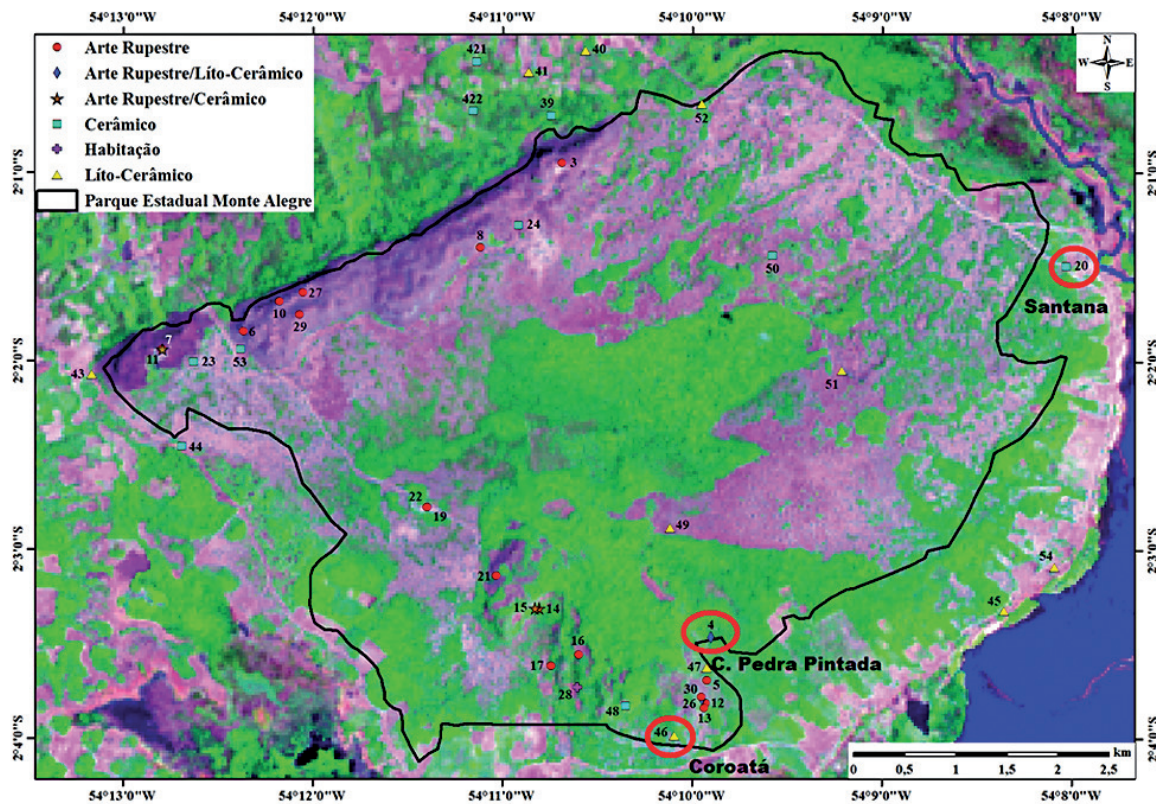


Figura 3. Localização dos sítios arqueológicos na área de pesquisa e entorno. Os sítios mencionados (Caverna da Pedra Pintada, Santana e Coroatá) estão circundados em vermelho. Mapa: Carlos Barbosa, 2015.

Cerâmicas do Sítio Santana (PA-MT-26)

Trata-se de um sítio de terra preta, localizado próximo aos limites do PEMA, junto à comunidade de Santana, e que abrange uma área aproximada de 300 x 250 metros, definida a partir da presença de terra preta associada à ocorrência de material arqueológico (cerâmica e líticos). Situado em média e baixa vertente, em setor mais plano e mais alto em relação ao igarapé Ererê, a vegetação atual é de capoeira, em função do desmatamento da área. Um grande lago marca a paisagem, estando a poucos metros do sítio, dependendo da estação, sendo este muito rico em peixes.

As amostras de cerâmicas analisadas deste sítio conta com um total de 2487 fragmentos cerâmicos. Este sítio foi escolhido para pesquisas mais sistemáticas por apresentar uma grande densidade de material cerâmico aflorando à superfície, ou sob uma leve camada de areia recobrindo a terra preta, o que costuma ser um bom indicador de solos antropizados.

Entre os trabalhos de campo e de prospecção e escavação, uma nova estrada foi aberta, cortando toda a extensão do sítio próximo à sua área central, revelando não só a terra preta, mas uma quantidade expressiva de fragmentos e peças semi-inteiras. Foi realizada uma coleta de materiais diagnósticos (bordas, bases e fragmentos decorados) ao longo desta estrada, o que proporcionou uma boa coleção de referência para a variabilidade cerâmica ao longo de toda a extensão do sítio (304 fragmentos). Além disso, em etapa de campo subsequente, foram realizadas sondagens para a delimitação do sítio, onde foram coletados mais 495 fragmentos. O grosso da amostra deste sítio, porém, provém de uma escavação realizada na área mais alta e plana, de 4 x 4 m, com 1.688 fragmentos.

As cerâmicas deste sítio apresentaram pouca variabilidade tecnológica e estilística. Mais da metade do material tem uma pasta bastante homogênea, com a adição de areia (55%), mas também aparecem caixi (32%), caco moído (25%) e cariapé, este último em quantidades restritas a 1%. As paredes são bem alisadas e regulares, com pouca ou nenhuma variação de espessura. As vasilhas são relativamente bem queimadas, resultando em vasilhas de paredes relativamente finas e bem resistentes.

Dentre os tipos de forma mais recorrentes, encontram-se as vasilhas grandes, abertas, com base plana e contorno direto, tigelas médias com bordas infletidas externamente ou com ombros próximos às bordas, e os pequenos pratos com bordas espessas. As bordas frequentemente são ocas, dobradas ou reforçadas externamente e recebem pequenos apliques ou flanges labiais. A maior parte das decorações ocorre sobre as bordas, lábios e flanges labiais (Figura 4).

A proporção dos fragmentos decorados é baixa, totalizando apenas 10% do total do material, mesmo tendo sido feita a coleta de superfície direcionada para apenas peças com elementos diagnósticos (fragmentos de bordas, bases e paredes decoradas).

A decoração mais frequente é plástica (entalhes, incisões, ponteados, digitados e apliques), sempre na superfície externa (92%), e como já foi dito, na região das bordas e lábios, mas por vezes também em ombros. A pintura e o engobo vermelho aparecem em proporções bem menores. Um dos elementos mais diagnósticos são os ponteados e entalhes paralelos ao longo das bordas e ombros e os bicos formados nos lábios de bordas reforçadas, com apliques ou flanges (Figuras 4 e 5). Sobre as flanges são comuns linhas incisas retas e onduladas.

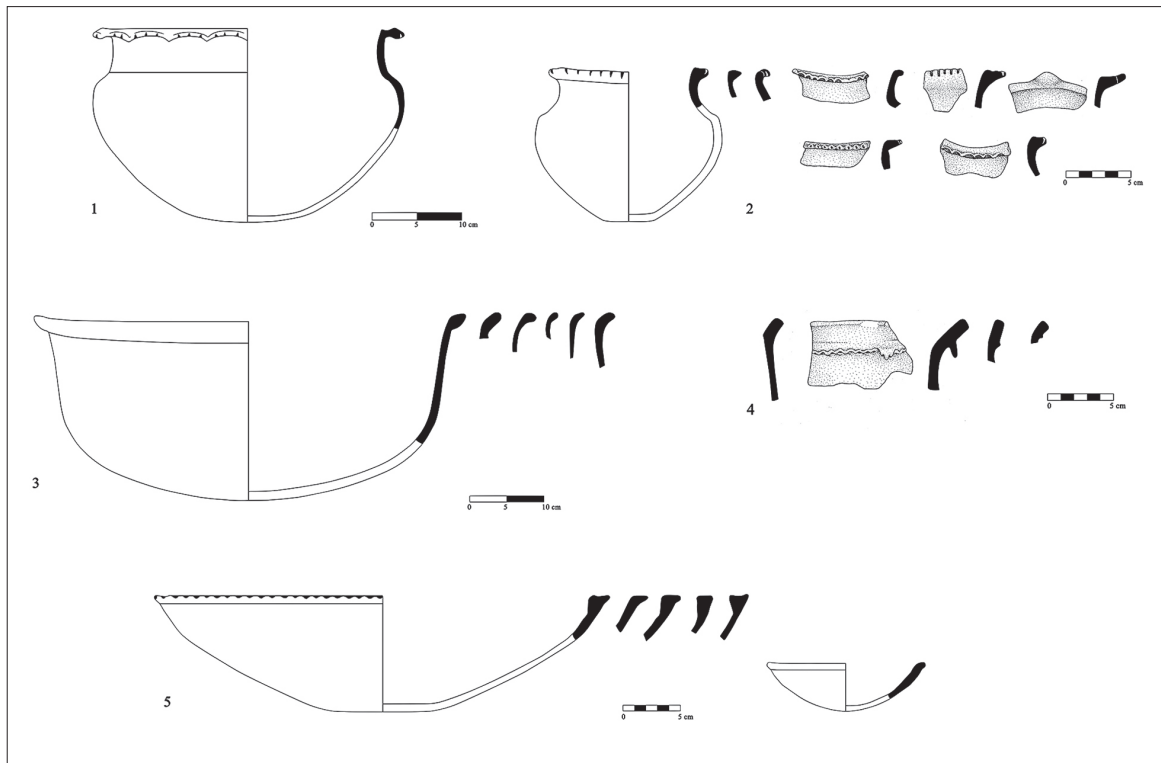


Figura 4. Morfologia de vasilhas e bordas decoradas dos sítios Santana (2 a 5) e níveis superiores da Caverna da Pedra Pintada (1). Desenhos: Erêndira Oliveira.

Quando há decoração nas paredes, estas também são feitas com incisões, acanalados rasos e escovados espessos, formando linhas paralelas ou motivos geométricos do tipo “espinha de peixe” (Figura 5).

Dos pontos de vista tecnológico e estilístico, não parece haver mudanças significativas na cerâmica coletada na superfície do sítio e nos diferentes níveis da escavação. Alguns elementos diagnósticos, como as bordas entalhadas com bico, perduram ao longo de toda a sequência arqueológica.

Até o momento, foram feitas três datações para este sítio. Duas datas obtidas por análise de termoluminescência³ de fragmentos cerâmicos provenientes da mesma camada espessa de sedimento escuro são condizentes com esta homogeneidade observada no material: 680+90 anos AP e 720+120 anos AP, e nos remetem a uma ocupação, por volta do século XIII. Uma terceira data de C14⁴, na base da mesma camada de ocupação resultou em 2420+20 anos AP, o que nos remete a uma ocupação bem mais antiga, por volta do século IV antes da era cristã.

Estas referências cronológicas são bastante interessantes, na medida em que mostram que a ocupação cerâmica datada do século XIII certamente era contemporânea às ocupações conhecidas a oeste de Monte Alegre para as áreas de Santarém e Trombetas, correspondendo aos complexos cerâmicos Santarém e Konduri. De fato, a cerâmica encontrada neste sítio apresenta algumas semelhanças com as desses complexos, como as decorações incisivas e ponteadas e os apliques e flanges labiais.

3. Amostras nº 3842 e 3843 processadas no laboratório Datação, São Paulo.

4. Amostra Beta-349954, data convencional 2420+30 anos AP; data calibrada (2sigma) 2510 anos AP a 2350 anos AP.



Figura 5. Elementos decorativos das cerâmicas do sítio Santana: bordas com flanges e apliques incisos e ponteados formando bicos; paredes com incisões e acanalados em linhas paralelas; paredes com incisões finas em motivos “espinha de peixe”. Fotos: Cristiana Barreto.

Contudo, assim como nas coleções históricas do MPEG, o sítio Santana não apresenta materiais com o mesmo grau de acabamento e complexidade dos materiais tapajônicos, e parecem apenas emular alguns elementos desta cerâmica em uma versão menos elaborada e em combinação com um estilo local, com os elementos preponderantes descritos acima.

A datação mais antiga parece mais problemática, pois é improvável que o mesmo complexo cerâmico tenha tão grande antiguidade, mantendo os mesmos elementos diagnósticos. Contudo, é possível que esta data testemunhe outra ocupação humana no local, não só bem mais antiga, mas também com cerâmicas equivalentes ao período da Tradição Pocó-Açutuba, que aparecem a oeste de Santarém, na região de Trombetas, na Amazônia Central, em Tefé, entre outras, com algumas datas do primeiro milênio antes da era Cristã (Neves et al., 2014). Nas regiões de Trombetas e Santarém é comum que os sítios desta tradição sejam posteriormente reocupados por ocupações do complexo cerâmico e Konduri. Portanto, é possível que tenhamos uma situação análoga no sítio Santana. Talvez os poucos fragmentos com engobo vermelho e decoração pintada, subrepresentados nas amostras coletadas na escavação, resultem desta possível ocupação mais antiga, mas ações antrópicas em período mais recente podem ter misturado dois conjuntos cerâmicos distintos. Por enquanto, o melhor seria considerar esta data mais antiga com reservas, até que outros dados de contexto e mais datações indiquem, de fato, esta possibilidade de um horizonte cerâmico mais antigo neste sítio.

Cerâmicas do sítio Coroatá (PA-MT-59)

O sítio Coroatá é um sítio de terra preta em área plana, entre a encosta da Serra do Paituna e o Lago Tucumã. Apresenta uma área ovalada, de aproximadamente 150 por 200 metros, e conta com grandes blocos de arenito à superfície, já como o início dos afloramentos maiores, que compõem a base da serra. Um desses blocos apresentou pinturas rupestres. Este sítio está bastante próximo a outros sítios rupestres, além da própria Caverna da Pedra Pintada (Figura 3).

Aqui, a densidade da cerâmica é também bastante alta à superfície e foram realizadas uma coleta de superfície de elementos diagnósticos (bordas, bases e fragmentos decorados), várias sondagens e duas escavações de 1m² e 2x1m, respectivamente, resultando em um total de 577 fragmentos.

Apesar de uma amostra bem menor que a do sítio Santana, a análise da cerâmica identificou conjuntos muito mais diversificados do ponto de vista tecnológico e estilístico. As pastas levam os mesmos elementos e em quantidades semelhantes, areia (55%), cauixi (37%), caco moído (23%) e cariapé (1%). Isto nos mostra que as pastas das cerâmicas de ambos os sítios são compostas com as mesmas argilas locais e foram tratadas de forma similar. No entanto, as diferenças de espessura das paredes são mais amplas, mostrando dois modos distintos de acabamento; há vasilhas com paredes mais irregulares e diferentes graus de alisamento de sua superfície, e outras com um acabamento e regularidade mais consistentes.

Aqui a proporção de materiais decorados é de 31% (bem maior do que os 10% do sítio Santana). Os elementos decorativos são aplicados de forma diferente nas vasilhas, apesar de aqui também predominarem nas paredes externas (60% dos fragmentos decorados), isto é, menos comum do que no sítio Santana (80%). No sítio Coroatá, temos 20% dos fragmentos com elementos decorativos na superfície interna, e em outros 20% em ambas as paredes.

Esta maior variabilidade da localização dos elementos decorativos parece estar relacionada ao emprego de técnicas também mais diversificadas. Enquanto que no sítio Santana a decoração é predominantemente plástica (incisos, ponteados, entalhados, apliques etc.), no sítio Coroatá 72% dos fragmentos decorados apresentam pintura e/ou engobo. Há uma variedade de combinações com estas técnicas, com engobo vermelho ou branco sobre bordas recortadas, pintura vermelha em faixas, pintura amarela sobre engobo vermelho e pintura preta em linhas sobre engobo branco.

Algumas das morfologias reconstituídas para os fragmentos deste sítio podem ser vistas na Figura 6, como pequenas tigelas e vasilhas com boca restritiva. As decorações plásticas também são mais diversificadas, incluindo a aplicação de filetes e botões, incisões em círculos concêntricos, bordas abauladas e a representação escultórica de humanos (estatuetas) e animais (no bojo de vasilhas). Algumas destas características podem ser vistas na Figura 7.

Alguns elementos da cerâmica deste sítio, como as bordas em lóbulos e abauladas, com lábios recortados, assim como os botões com ponteados, as áreas pintadas de vermelho sobre engobo branco, deixando faixas mais claras que acompanham as bordas, parecem ser elementos diagnósticos da fase Koriabo. Como já observamos anteriormente, mais materiais que apresentam bordas em lóbulos com lábios recortados e que remetem aos vasos floriformes da cerâmica Koriabo são encontrados nas pranchas de desenhos de Nimuendaju dos materiais que coletou em Monte Alegre em 1924 (Nimuendaju, 2004) e nos materiais de coleções de inventário e históricas do MPEG.

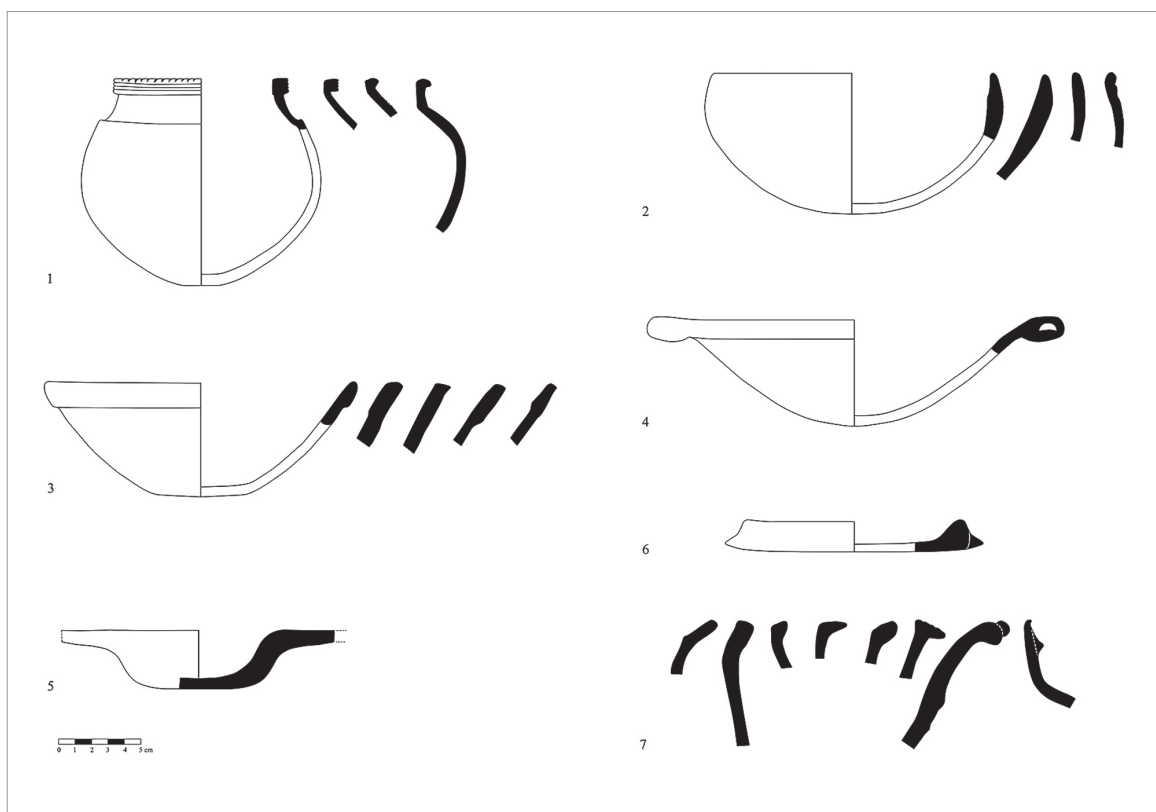


Figura 6. Morfologias e bordas do sítio Coroatá. Desenhos: Erêndira Oliveira.



Figura 7. Elementos decorativos do conjunto cerâmico do sítio Coroatá: borda recortada, pintura vermelha e amarela em faixas, botões aplicados e ponteados, e vasilhas zoomorfas. Fotos: Cristiana Barreto e Mayara Mariano.

Este tipo de borda tão característico também está presente em materiais provenientes de outras áreas Amazonas abaixo. Contudo, não está claro se pertencem a vasilhas com formas semelhantes às tigelas Koriabo. Vasos em pedestal foram encontrados em contextos funerários no sítio Jaburu, na foz do rio Paru, município de Almeirim, em escavações realizadas por uma equipe do MPEG coordenadas por Paulo Canto (Figura 8). Bordas deste tipo também estão sendo encontradas na região da Volta Grande do Xingu, nas pesquisas realizadas pela Scientia (Letícia Muller, 2014, comunicação pessoal), e na região de Gurupá, em pesquisas coordenadas por Helena Lima do MPEG (Lima; Fernandes, neste volume). Assim sendo, nos parece que estes elementos (bordas com flanges floriformes ou plurilobulares, com superfícies abauladas e lábios recortados) ocorrem com ampla dispersão ao longo do Baixo Amazonas, chegando até Monte Alegre. O fato de que em Almeirim estas bordas ocorram em vasos em pedestal (lembrando as “fruteiras” Santarém) em vez das tigelas encontradas nas Guianas e Amapá, talvez possa indicar o caráter fragmentário em que fluxos estilísticos ocorreram nesta região, com ceramistas emulando ou incorporando alguns elementos decorativos de seus vizinhos, como as bordas floriformes, e aplicando-os em vasos com formas da tradição local, como as vasilhas em pedestal.

No sítio Coroatá, outros elementos estilísticos remetem às cerâmicas Santarém e Konduri, como os vasos em pedestal e os vasos de gargalo, as estatuetas, os apliques em filetes e botões, a profusão de incisos e ponteados e a representação de animais no bojo de recipientes.



Figura 8. Vasilhas com base em pedestal e bordas floriformes provenientes da área da foz do rio Paru, Almeirim. Acervo MPEG. Coleta de Paulo Canto. Fotos: Amauri Matos.

Do ponto de vista da distribuição cronológica, este sítio forneceu duas datações: uma por termoluminescência 765 ± 95 anos AP⁵ e outra de carvão por AMS, de 590 ± 30 anos AP⁶. Este período dos séculos XIII ao XV é compatível com as datas mais recentes para ambas as fases Koriabo bem como para os complexos Santarém e Konduri.

Espera-se compreender melhor as relações das cerâmicas do sítio Coroatá com os complexos cerâmicos mais recentes do Baixo Amazonas a partir de uma cronologia mais detalhada, obtida tanto nas escavações de mais sítios a céu aberto na região de Monte Alegre como também das datações das cerâmicas coletadas nas escavações recentes da Caverna da Pedra Pintada.

5. Amostra processada no laboratório Datação, São Paulo, de número 3844.

6. Amostra Beta-349952, data convencional 590 ± 30 AP, data calibrada (2 sigma) 650-580 AP.

Conclusões

As características das cerâmicas analisadas nos dois sítios aqui considerados indicam a intensa ocupação por grupos ceramistas, de sítios a céu aberto nesta área, pelo menos a partir do século XIII da era Cristã. Estas ocupações mais recentes, certamente devem corresponder ao período que Roosevelt identificou na cronologia da Caverna da Pedra Pintada, entre 675 e 430 anos AP, e que denominou de Pariçó⁷. Talvez esta ocupação esteja sobreposta a outra mais antiga, com manifestações menos evidentes no registro cerâmico, datando de alguns séculos antes da era Cristã, como parece ser comum nas áreas a oeste de Santarém.

Os resultados da análise remetem a três questões importantes. A primeira é que, considerando-se a longa ocupação documentada nas datas obtidas por Roosevelt na Caverna da Pedra Pintada, remontando a 11 mil anos antes do presente, vimos que os complexos cerâmicos mais recentes não necessariamente resultam de um longo processo histórico de adensamento populacional e aumento da complexidade social contínuo e crescente, conforme argumentou Roosevelt para explicar o surgimento de cacicados no Baixo Amazonas (Roosevelt, 2001). Ao contrário, os sítios não apresentam dimensões muito extensas, quando comparados à grande aldeia de Santarém; e também não apresentam estruturas de terra como os aterros do Marajó. As cerâmicas encontradas em Monte Alegre tampouco apresentam as características de acabamento refinado e complexidade estilística típicas dos complexos cerâmicos de Santarém e da fase Marajoara. Se a proximidade de Monte Alegre com Santarém indicaria a possibilidade de uma forte influência social, política e cultural do grande cacicado de Santarém sobre a região de Monte Alegre, ao contrário, as cerâmicas parecem remeter a um estilo bastante local, onde alguns elementos das cerâmicas Santarém e Konduri foram selecionados e incorporados ao universo estilístico bastante padronizado e ilustrado pelas cerâmicas do sítio Santana.

A continuidade da pesquisa deve indicar até que ponto podemos considerar este estilo de Monte Alegre como “periférico” ao grande núcleo que representa Santarém dentro da Tradição Inciso-Pontado, ou se estamos lidando com um estilo local, independente. Por ora, as cerâmicas parecem não indicar uma influência tão forte vinda do lado de Santarém.

A segunda questão importante é indicada pelas diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui considerados. O sítio Santana, um pouco mais distante das serras, e próximo a um bom local para as atividades de pesca, apresenta uma cerâmica mais homogênea, menos decorada e mais utilitária, ainda que estes conceitos devam ser relativizados nas análises de cultura material ameríndia em geral. O sítio Coroatá, mais próximo aos sítios rupestres nas serras, contando inclusive com um painel de pinturas em bloco de arenito à sua superfície, apresentou um conjunto com cerâmicas mais decoradas, com representações humanas e de animais, possivelmente relacionadas a atividades de natureza ritual. Neste sítio, o material diagnóstico Koriabo pode corroborar a sugestão de Cabral (2011), de que se trata mais de um gênero de cerâmica cerimonial compartilhado por toda a região do Baixo Amazonas neste período do que propriamente um estilo cerâmico de um determinado grupo cultural. De qualquer forma, as diferenças das cerâmicas encontradas nestes dois sítios, que parecem ser contemporâneos, indicam usos distintos dos sítios a céu aberto, mostrando que, mesmo estando relativamente próximos entre si (cerca de seis quilômetros) e próximos do rio e da várzea, nem todos os sítios a céu aberto correspondem

7. Este é o nome de um dos sítios cerâmicos visitado por Nimuendaju, hoje um bairro de Monte Alegre próximo ao rio Amazonas.

a contextos estritamente residenciais ou domésticos. A maior quantidade e variedade de cerâmicas decoradas no sítio Coroatá, que também inclui pinturas rupestres, parece sugerir um uso diferenciado para atividades rituais. A correlação destas cerâmicas com a escavada na Caverna da Pedra Pintada deve trazer mais subsídios para melhor entendermos a espacialização das diferentes atividades dentro da área.

A terceira questão trazida pela análise dos materiais destes sítios é sobre a posição de Monte Alegre no contexto geral da arqueologia do Baixo Amazonas abaixo de Santarém. Inserida no eixo de deslocamentos leste-oeste, proporcionado pelo grande rio Amazonas, parece também ter sido palco de influências de grupos e manifestações estilísticas originários das áreas montanhosas do Tumucumaque ao Norte, região das nascentes do rio Maicuru, que deságua no Amazonas na altura de Monte Alegre. A expansão das pesquisas incluindo sítios ao longo deste rio deve fornecer pistas importantes para melhor situarmos o universo cultural no qual se inseriram as populações indígenas pré-coloniais de Monte Alegre. Os conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui analisados, ainda que distintos entre si, e constituindo um estilo local, parecem compartilhar de matrizes estilísticas comuns, com elementos presentes tanto nas cerâmicas Konduri como na cerâmica Koriabo. As cerâmicas de Monte Alegre talvez possam, assim, ser inseridas dentro de um universo mais amplo de “cerâmicas com K” (K de Karib), conforme a relação já aventada por diversos arqueólogos entre estas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadado e grupos falantes de línguas Caribe, e que parecem se estender por toda a calha norte do Baixo Amazonas, mostrando que o fluxo estilístico se dava não só ao longo do eixo leste-oeste do grande rio, mas também norte-sul (ou serras guianenses – planícies lagunares do Amazonas).

Rostain (1994), ao discutir a área de origem e as possíveis direções de expansão geográfica das cerâmicas Koriabo, já apontava para estes possíveis deslocamentos norte-sul, mas considerou pouco provável a hipótese aventada por Hilbert (1982), de que este complexo tenha se originado no Amapá e se expandido pela costa oeste e depois adentrado o continente até a calha do médio Amazonas. Contudo, quando destas considerações de Rostain, nenhum sítio Koriabo havia sido encontrado na calha do Amazonas.

As cerâmicas de Monte Alegre parecem indicar que, no Baixo Amazonas, as fronteiras entre os complexos cerâmicos talvez sejam não só mais fluidas, mas também permeáveis a fluxos estilísticos mais fragmentários, podendo combinar elementos trazidos de diferentes tradições vizinhas a uma tecnologia local. Restam entender como se dão estas escolhas e como elas se relacionam aos diferentes contextos de uso das cerâmicas. As diferenças observadas nos conjuntos cerâmicos dos dois sítios aqui apresentados parecem apontar para sítios onde a tecnologia local predomina de forma consistente, e outros onde ocorre uma mistura deliberada elementos estilísticos. Os dados provenientes das análises cerâmicas de outros sítios da área, assim como as análises de restos orgânicos e datações em andamento, devem contribuir para esclarecer estas questões.

Agradecimentos

Agradecemos a toda a equipe do projeto Monte Alegre, em especial a Edithe Pereira, pela coordenação; à secretaria de Arqueologia do MPEG, pelo apoio logístico; ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa de campo; ao MPEG/MCTI, por uma bolsa do Programa de Capacitação Institucional de curta duração concedida a Cristiana Barreto para os trabalhos de laboratório e a Erêndira Oliveira pelos desenhos.